

## O PERIODISMO RESPONDE

*Simone Dias*<sup>1</sup>

Ao tomar a reflexão de Raymond Williams a propósito das produções formativas, verifica-se que as formações não se identificam totalmente com as instituições formais<sup>2</sup>, ou seus significados e valores formais, mas se relacionam com estruturas sociais reais. Quer dizer, ainda que não sejam a expressão pura e simples das instituições, as formações apresentam traços dominantes do pensamento de certos grupos de professores, representantes das entidades reguladas, no caso, das universidades. Desta assertiva, chega-se também a outra averiguação: grande parte dos textos publicados nos periódicos, lidos aqui como formações, são resultados de pesquisas que professores e alunos vêm desenvolvendo em suas respectivas áreas de atuação, contribuindo para o caráter vinculativo das formações e instituições. A partir da leitura das revistas e do vasto material que circula nessas formações, detenho-me aqui, para um breve exame sobre a abordagem da poesia nos seguintes periódicos: *José e Almanaque* nos anos 70, *Tempo Brasileiro* e *34 Letras* nos 80.

Escolha arbitrária de quatro periódicos que, se não são considerados institucionais, visto que não são financiados por determinada instituição, não deixam de ser fruto dos vínculos com instituições acadêmicas. Na carioca *José - Literatura, Crítica & Arte*<sup>3</sup>, dos fins dos 70, temos a UERJ, a PUC do Rio de Janeiro e a PUC de São Paulo. É também na PUC do Rio que surge, uma década mais tarde, *34 Letras*, revista organizada pelos alunos da graduação e pós-graduação daquela instituição. Em 1976, no período de efervescência cultural em que se assiste a proliferação das revistas literárias,

---

<sup>1</sup> Bolsista de Mestrado - CAPES.

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 122. Vale recorrer, ainda, à reflexão de Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano a este propósito: “A diferencia de las instituciones, las formaciones se distinguen por el número reducido de sus miembros y por la rapidez con la que se constituyen y se disuelven. Además, el carácter relativamente laxo que a menudo presenta la estructura de estos grupos, y la ausencia de reglas definidas en las relaciones entre sus miembros, o, al menos, la dificultad para percibirlos, suele dotarlos del aire informal de un grupo de amigos y los distingue de cuerpos regulados, como la universidad o las asociaciones profesionales”. SARLO, B.; ALTAMIRANO, C. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983, p. 97.

<sup>3</sup> *José - Literatura, Crítica & Arte* teve 10 números publicados pela Editora Fontana, Rio de Janeiro, sob a direção de Gastão de Holanda, de 1976 a 1978.

mais um fenômeno que marcava o "boom editorial"<sup>4</sup> dos meados dos 70, surge *Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio*<sup>5</sup>, periódico organizado por um grupo de intelectuais da USP, que resistiu até 1982, com catorze números publicados pela Brasiliense. *Tempo Brasileiro* é o quarto periódico sobre o qual pretendo me deter, sendo que se trata de um caso paradigmático, no sentido de que circula a quase quatro décadas. No que concerne à vinculação com instituições, há evidências de suas afinidades com a UFRJ e outras instituições cariocas, ora na presença constante de textos acadêmicos na revista e na convergência da postura teórica do periódico e da crítica de Afrânio Coutinho, ora na incumbência das edições a vários departamentos dessas instituições.

A poesia é o carro-chefe<sup>6</sup> da revista *José*, que já explicita em seu nome o tributo ao poeta Carlos Drummond de Andrade. O periódico, dirigido pelo poeta Gastão de Holanda, pode ser lido como um dos últimos suspiros do Modernismo brasileiro, abrigo em suas páginas a tríade modernista andradina: publicando poemas de Drummond, a correspondência de Mário endereçada a Drummond e análises de textos de Oswald; valendo ainda mencionar o espaço dedicado ao trabalho da pintora modernista Tarsila do Amaral, de Blaise Cendrars e de Augusto Meyer.

Gastão de Holanda e um dos editores, Sebastião Uchoa Leite, são os poetas que mais frequentemente publicam, enquanto os concretos marcam sua inserção no periódico sobretudo como críticos.

Do poema drummondiano "José", retém-se a perplexidade, sintomática de um momento em que os movimentos literários se diluem, em que as vanguardas deixam de fazer sentido, em que se questiona os rumos da poesia. A revista problematiza, por exemplo, a poesia marginal carioca, tão em voga naquele período, procurando

---

<sup>4</sup> Além de *José* e *Almanaque*, vale mencionar a aparição das revistas *Escrita*, *Inéditos*, *Anima*, *Ficção*, do suplemento *Folhetim* da *Folha de S. Paulo*, dentre outros, no mesmo período. Cabe registrar que a poesia encontra nas revistas um espaço alternativo de publicação. Paulo Leminski, em artigo publicado no *Folhetim*, enfatiza que a poesia "encontrou, nos anos 70, seu veículo perfeito: as revistas, as antologias, os livretos de curta duração, como se fossem feitos com páginas de papel higiênico. As revistas, porém, mais seguraram uma barra que criaram coisa nova. Nelas, a dissolução dos egos individuais em amorfas massas anônimas, arrebanhadas ao sabor das amizades e contigüidades ocasionais" (*Folhetim, Folha de S. Paulo*, 20 de março de 1983).

<sup>5</sup> *Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio* teve 14 números publicados pela editora Brasiliense, São Paulo, sob a coordenação de Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr., de 1976 a 1982.

<sup>6</sup> Do total de textos publicados em *José*, tem-se a seguinte configuração: POEMA, 32,83%; ENSAIO, 22,75%; FICÇÃO, 17,17%; RESENHA, 9,10%; CORRESPONDÊNCIA(S), 5,05%; ENTREVISTA, 4,05%; INFORME, 2,53%; DEPOIMENTO, 3,04%; APRESENTAÇÃO, 2,03%; DEBATE, 1,01%; EDITORIAL, 0,51%.

estabelecer e expor os critérios de valor de que se vale, ainda que esta tentativa esteja permeada por vozes conflitantes.

## POESIA MARGINAL: DE VILÃ A FILÃO

O debate promovido pela revista *José*, em seu segundo número, a partir da comemorada publicação do livro *26 poetas hoje*, organizado por Heloísa Buarque de Hollanda, em 1976, problematiza e discute as premissas da antologia, reunião de parte da publicação dos chamados "poetas marginais", que marcavam a nova poesia brasileira na vigorosa década de 70. Numa revista cujo conceito de literário aponta justamente para a poesia, o debate se constitui como o próprio questionamento dos rumos e das possibilidades da literatura, num momento em que se expõe a inviabilidade da idéia de vanguarda.



Partindo da premissa que reúne os vários poetas na antologia, a poesia "marginal", o debate detecta a inexistência de uma proposta estética comum ou de procedimentos literários convergentes, estabelecendo a dificuldade de se caracterizar tal poesia, talvez agrupada a partir de uma postura similar dos poetas face ao mercado, diante dos obstáculos da publicação. Heloísa Buarque de Hollanda, na introdução da antologia, se refere a uma retomada de 22 e ressalta, no debate, que a tônica da subjetividade é imperativa no grupo: "nos mais novos isso fica flagrante, é ao mesmo tempo seu charme e seu risco", enfatizando que isso denuncia uma certa atrofia da reflexão, confinamento de sua atuação no mundo, gírias e expressões muito fechadas e assuntos reduzidos, "traço dessa geração que freqüentou a Universidade depois de 68". A estes acrescenta-se, segundo Heloísa, uma certa dose de anarquismo, enquanto nos mais velhos, a crítica salienta um procedimento literário carregado de ironia crítica, de um distanciamento assumido e construído.

Percebe-se a problemática de se delimitar os traços ou as transpirações dessa "nova" poesia, mas arrisca-se alguns palpites: a intenção de "matar" Cabral, o afunilamento de caminhos entre poesia e vida, a busca de um certo evasionismo, o deboche ao literário, o antiformalismo. Várias são as premissas apontadas na tentativa de se encontrar o ponto comum que une a antologia, no entanto, nenhuma delas parece se sustentar ou ser aceita por unanimidade. Inclusive, pode-se somar aqui a alternativa,

mencionada por Heloísa em texto publicado na *Almanaque*<sup>7</sup>, de que o termo marginal vem justificado pela "condição alternativa", à margem da produção e veiculação no mercado. No debate, ela já argumentava que a antologia era uma espécie de marginalidade em termos de mercado, criando uma imprensa alternativa em relação ao *establishment*. Luiz Costa Lima alerta para o risco de, seguindo tal raciocínio, tomar como *establishment* uma série de poetas pelo simples fato de serem editados pela José Olympio ou outras editoras prestigiosas. Na perspectiva de Heloísa, é pertinente refletir sobre a situação do poeta marginal como aquele que não conta com apoio editorial. Nesse sentido, Cacaso convida-nos à reflexão sobre as consequências da nova posição do marginal, em que "o poeta [...] já não conta com apoio editorial, e menos ainda com o sistema de interesse e promoção a ele ligado, também não tem de se guiar por seus critérios. O poeta é levado a um descompromisso crescente com outras esferas do mundo institucionalizado, o que pode ter implicações propriamente literárias e de concepção".<sup>8</sup>

Faz-se imperativa uma questão: continuariam sendo "marginais" os poetas publicados em *26 poetas hoje*, após o sucesso editorial? A poesia suja, deseducada, rebelde às leis do mercado, de repente se vê em caprichosas edições, comportando-se e seguindo a risca os imperativos da lógica capitalista.

Um texto de apresentação do oitavo número de *Arte em revista*, periódico paulista dos 80, passa em revista o fenômeno da "poesia marginal", dentre outras manifestações "independentes", e também anuncia, em seu olhar retrospectivo, as ambigüidades e equívocos da expressão, que comporta uma vasta e diferenciada produção:

Por recobrir uma gama muito vasta e diferenciada de produção e por não indicar outro critério de marginalidade senão o de colocar-se fora do movimento editorial, a expressão "poesia marginal" é ambígua e, talvez, equivocada. Porque ao lado das edições pobres, sem requintes gráficos, desdobravam-se outras tentativas de produção poética, também em edições limitadas e circulação marginal, mas em edições limpas, graficamente inventivas, e autofinanciadas.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. "O espanto com a biotônica vitalidade dos 70" *Almanaque*, nº 10, 1979, p. 43-53.

<sup>8</sup> In "Tudo da minha terra: Bate-papo sobre poesia marginal" *Almanaque*, nº 6, 1978, p. 38-48. Vale sublinhar que a presença de Heloísa Buarque de Holanda e Cacaso são concessões cariocas em *Almanaque*, e não recorrências freqüentes. Observa-se ainda a ausência de Cacaso em *José*.

<sup>9</sup> "As margens da poesia" *Arte em Revista*, São Paulo: Kairós, n. 8, out., 1984, p. 69. Texto assinado pela redação.

Neste texto, também arriscam-se algumas interpretações do critério de marginalidade:

Talvez, ainda, um resquício da atitude romântica de insurgência contínua do artista contra o decoro da linguagem, da arte e da sociedade. Ou ainda: resquício das atitudes participantes da década anterior, movidas pela necessidade de falar em tempos de penúria. Ou, finalmente, a recusa de contribuir para com a política literária. De qualquer forma, parece claro que o critério sempre aventado, o da mercantilização dos produtos artísticos, é insuficiente para identificar as margens da poesia marginal, já que a mercantilização, embora artesanal, também estava no fim da produção. Basta verificar que não tiveram os poetas marginais nenhuma resistência à publicação editorial regular quando solicitados.

Verifica-se a dificuldade de agrupamento no mesmo rótulo de uma produção desigual, com distintos níveis qualitativos e não convergentes a um determinado compromisso estético. O termo parece ter se transformado num filão, condensando uma gama de poetas de matizes, ou melhor, dicções declaradamente distintas.

Outra questão permeia o debate e vale ser ressaltada: se a falta de programa é patente, essa inexistência de um projeto comum não implicaria numa ausência de reflexão crítica dessa poesia? Enquanto Luiz Costa Lima e Heloísa Buarque de Hollanda concordam com esta premissa, Ana Cristina Cesar, uma das poetas publicadas na antologia, discorda. Quando se chega ao problema da qualidade, que envolve todo o debate e a própria escolha dos poemas que compõem o livro, questiona-se a dificuldade de se estabelecer os parâmetros do valor literário. Como "retrato de geração", parece ter sido válido o aparecimento da antologia, mas é nítido o desconforto de algumas presenças no livro para os debatedores, revelando que o livro expõe uma produção multiforme, divergente e desigual. Pode-se concluir afirmando que *26 poetas hoje* foi, além de sucesso editorial, uma polêmica questão para o periodismo refletir sobre os rumos da poesia nos fins da década de 70.

## **O EXORCISMO DE *ALMANAQUE***

Enquanto *José* busca no modernismo os parâmetros valorativos da revista, a concorrente *Almanaque* (1976-82) revela



outras apostas no que concerne à poesia. Cacaso sublinha um fato pertinente quando pretendemos tratar deste gênero no periódico paulista, que concede um espaço reduzido à publicação de poemas, restrito a dois tipos de manifestações. A primeira modalidade, e a mais freqüente, é ressaltada pelo crítico que detecta:

Existe um fenômeno literário paulista interessantíssimo: a poesia dos professores universitários ligados ao circuito USP-Unicamp. Aí temos a Walnice Nogueira Galvão, o Carlos Vogt, o Bento Prado Jr., o Flávio Aguiar, o Modesto Carone, o Roberto Schwarz, e certamente outros que desconheço. Alguns já têm versos publicados, outros não, mas no geral dos casos são mestres da construção, uns mais cerebrais, outros mais maneiristas. E o nível de qualidade dos poemas, sempre elevado, deriva quase que diretamente do nível de formação crítica da pessoa: são profissionais competentes nas suas respectivas áreas, pesquisadores sérios, doutores em sociologia, crítica literária, filosofia, e que, por uma questão simples de envergadura intelectual, transferem consistência ao que criam.<sup>10</sup>

A estes nomes, ainda se somam, em *Almanaque*<sup>11</sup>, os de Betty Milan, *José* Miguel Wisnick, Cláudio Deckes. Escrevem uma poesia acadêmica, "ocupando o lugar de um capricho bem cultivado", distinta, ainda segundo Cacaso, da poesia praticada pela geração de poetas marginais da década de 70, "onde a força está do lado da experiência revelada, mas que padece de incultura e desqualificação formal". No entanto, o que Cacaso não diz, mas que poderíamos averiguar no contato com alguns desses poemas, é que, para além da "capacidade organizativa, depuração do estilo, paciência construtiva, efeitos gerais do gosto e da inteligência aplicados ao texto", o resultado é uma poesia "poeticamente" correta. Por primar ser tão exata e experiente, perde o vigor.

A outra situação em que *Almanaque* abre espaço para a poesia é quando esta serve de "gancho". Ou seja, publicam-se poemas que tenham função de dialogar com outros textos, corroborando o posicionamento da revista. Como exemplo, cabe

<sup>10</sup> CACASO. "Poesia e Universidade" In ARÊAS, Vilma (org.) *Não quero prosa*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997, p. 257-8.

<sup>11</sup> Do total de textos publicados em *Almanaque*, tem-se o seguinte mapeamento: ENSAIO, 71,28%; POEMA, 12,50%; FICÇÃO, 9,38%; RESENHA, 1,89%; APRESENTAÇÃO, 1,88%; ENTREVISTA, 1,88%; DEPOIMENTO, 1,25%.

mencionar "O exorcismo"<sup>12</sup>, de Carlos Drummond de Andrade, poema que ironiza o jargão estruturalista, que instrumentalizava uma vertente da crítica brasileira, recorrente nas universidades cariocas. A publicação do poema, uma ladainha que repete a ilegitimidade do aparato metodológico daquela vertente, endossa o posicionamento de *Almanaque*, opositora declarada da voga estruturalista do período.

Se Drummond aparece em *José* como o grande homenageado, a apropriação que dele faz *Almanaque* parece mais uma provocação<sup>13</sup>, visto que serve aos propósitos da revista quando desqualifica o estruturalismo. Vale mencionar, a este propósito, a resposta de Luiz Costa Lima à provocação:

O poema de Drummond me parece apenas uma prova de que o grande poeta tinha uma percepção deformada, romântica e antiquada da crítica. Ele simplesmente se opunha a toda teorização, a tudo que não fosse "comentário" do poema. De minha parte, continuo a manter a posição que formulei em "Quem tem medo de teoria?", na verdade, uma resposta ao poema de Drummond. Quero, pois, dizer: a oposição de Drummond ia muito além de um ataque ao estruturalismo<sup>14</sup>.

## POESIA EM REVISTA NOS ANOS 80

Um dos projetos culturais resultantes da "Lei Sarney" foi a revista *34 Letras*<sup>15</sup>, publicada no Rio de Janeiro, de 1988 a 1990, deixando de circular quando a lei foi extinta. A parceria com o capital privado resultou numa revista elaborada esteticamente e que explicita no requinte gráfico: dinheiro não faltou. No campo das idéias, se *José* vivia o dilema, encontrava-se diante de um muro, buscava a saída, cabe aventar que *34 Letras* é pós-agônica, convive com a



<sup>12</sup> Texto que inaugura o quinto número de *Almanaque*, 1977, p. 7. O poema já havia sido publicado no *Jornal do Brasil*, edição do dia 12 de abril, 1975, p. 5.

<sup>13</sup> Ou seja, utilizando-se do grande ícone de José, *Almanaque* bombardeia a crítica estruturalista carioca, ainda que não cite nomes de críticos brasileiros, como faz com Chomsky, Althusser, Barthes, Derrida e Lacan, para citar alguns que a revista, ou melhor, o poema pretende exorcizar.

<sup>14</sup> Carta escrita por Luiz Costa Lima em novembro, 1987, tendo como destinatária a crítica Eneida Maria de Souza. In: SOUZA, Eneida Maria de. "Querelas da crítica" In *Traço crítico*, Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG; Ed. UFRJ, 1993, p. 10.

<sup>15</sup> *34 Letras* teve sete números publicados pela 34 Literatura S/C Ltda., em colaboração com a Ed. Marca d'Água Ltda., nos três primeiros números. A partir do quarto, a colaboração é da Ed. Nova Fronteira S/A, Rio de Janeiro, sob direção de um grupo de alunos da PUC do Rio, de 1988 a 1990.

pluralidade de linhagens, sem que transpareça qualquer resquício de mal-estar. Parece comemorar o final da ditadura das vanguardas e suas lógicas disjuntivas, dando vazão à coexistência pacífica multicultural: há espaço para *José* revitalizado, para a linhagem experimentalista, para os estreantes acadêmicos e para o pensamento francês pós-estruturalista. Provoca a sensação de alívio e de desconfiança: alívio, demonstrando a viabilidade de um projeto editorial ousado, com financiamento de empresas privadas; desconfiança, na medida que se percebe um certo "adesismo", no sentido de legitimar nomes desconhecidos ao lado de consagrados, e de pós-consagrar o concretismo como a viabilidade da poesia. Uma embalagem requintada e com grife, cujo conteúdo vem mesclado com produtos de qualidades diversas.

Sobre os textos, vale assinalar que tão freqüente quanto os ensaios são os poemas, dispostos em duas seções do periódico: inéditos e traduções (de consagrados). Na primeira, mesclam-se poetas éditos e inéditos; os primeiros publicando poemas inéditos (como o caso de Armando Freitas Filho), enquanto em traduções, sobressaem-se novas transcrições do paideuma concreto (e.e. cummings, Sylvia Plath, Emily Dickinson). Na seção de inéditos (que, no primeiro número, era denominada "desconhecidos"), os mais recorrentes são João Guilherme Quental, Adriana Guimarães, Carlos Irineu da Costa, Rubens Figueiredo e Armando Freitas Filho, sendo que os três primeiros compõem o comitê organizador da revista e Rubens Figueiredo é membro do conselho editorial. Na derrubada de fronteiras geográficas, temporais, disciplinares e hierárquicas que se pretende o periódico, a mixórdia de nomes consagrados e desconhecidos funciona como legitimadora de um posicionamento teórico, que, na falta de melhor rótulo, podemos chamar de pós-colonial, e opera na garantia de determinado capital simbólico, visando a inserção de alguns nomes na esfera do campo intelectual ao lado de autores que já desfrutam de reconhecimento. Ao publicar os poetas consagrados, o periódico procura assegurar um "nível qualitativo", o que, por sua vez, denuncia uma certa desconfiança com relação à produção mais recente.



Na trajetória da revista, três entrevistas com poetas consagrados: João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos e Sebastião Uchoa Leite. É curioso observar que, se *José* é marcada predominantemente por uma dicção anti-cabralina, lírica, em *34 Letras* a dicção cabralina é dominante e talvez aí se possa ler mais um signo da ruptura com o modernismo.

Além da produção criativa publicada no periódico, verifica-se que uma considerável parcela dos textos críticos se debruça sobre a análise de poemas. Sejam resenhas ou ensaios, os objetos de estudo geralmente fazem parte do próprio grupo publicado, criando um círculo vicioso, do tipo: Lino Machado, que escreveu sobre e traduziu Yeats, que inspirou Augusto de Campos, que escreveu sobre Dickinson e inspirou Nelson Ascher, que escreveu sobre Augusto de Campos, e assim por diante.

A fim de observarmos a presença da poesia no periodismo dos anos 80, vale recorrer a outro periódico que circulou durante esta década, ininterruptamente. Trata-se da revista *Tempo Brasileiro*, publicada desde 1962, que silenciou durante o ano de 64, sendo retomada em 1965 com periodicidade trimestral, regularidade que se mantém. Poucas parecem ser as turbulências e mudanças que a revista enfrenta desde então: os números são temáticos desde 67, o formato e a capa não sofrem alterações e a direção de Eduardo Portella também acompanha, durante décadas, a trajetória do periódico. Ao completar vinte anos, nos anos 80, o editorial<sup>16</sup> afirma que *Tempo Brasileiro* resistiu, "às vezes de penosa sobrevivência, em meio ao fogo cruzado de todos os sectarismos", mas segue inabalável durante quase quatro décadas, retratando a "realidade brasileira" através de textos das mais diversas áreas de uma universidade. No que diz respeito às temáticas, vale sublinhar que, se a literatura é temática recorrente na revista, é preciso enfatizar que o romance, em detrimento da poesia, é consideravelmente privilegiado.

A fim de observarmos a presença da poesia no periodismo dos anos 80, vale recorrer a outro periódico que circulou durante esta década, ininterruptamente. Trata-se da revista *Tempo Brasileiro*, publicada desde 1962, que silenciou durante o ano de 64, sendo retomada em 1965 com periodicidade trimestral, regularidade que se mantém. Poucas parecem ser as turbulências e mudanças que a revista enfrenta desde então: os números são temáticos desde 67, o formato e a capa não sofrem alterações e a



<sup>16</sup> *Tempo Brasileiro*, n. 71, out.-dez., 1982, p. 1.

direção de Eduardo Portella também acompanha, durante décadas, a trajetória do periódico. Ao completar vinte anos, nos anos 80, o editorial<sup>17</sup> afirma que *Tempo Brasileiro* resistiu, "às vezes de penosa sobrevivência, em meio ao fogo cruzado de todos os sectarismos", mas segue inabalável durante quase quatro décadas, retratando a "realidade brasileira" através de textos das mais diversas áreas de uma universidade. No que diz respeito às temáticas, vale sublinhar que, se a literatura é temática recorrente na revista, é preciso enfatizar que o romance, em detrimento da poesia, é consideravelmente privilegiado.

Ao nos determos na circulação da revista durante os anos 80<sup>18</sup>, verifica-se a inexpressiva presença dos poemas<sup>19</sup> no conjunto de textos publicados. As exceções se registram em apenas três números, quando os poemas têm uma função no periódico ou dialogam com a temática eleita para a edição monográfica, cujas raras aparições vale registrar: "O mito em carne viva" de João Cabral, dedicado a Eduardo Portella, no número comemorativo de vinte anos do periódico; quatro poetas negros publicam na edição sobre a cultura negra<sup>20</sup>, e um último soneto de Fichte figura na edição sobre Identidade e Memória, n. 95, por convergir com a temática da revista. Acrescente-se a esses dados, ainda, o número temático "Poesia sempre", título dissonante com a própria trajetória do periódico no que se refere à poesia, mas afinado com a proposta de uma abordagem cronológica das "vertentes históricas da literatura ocidental obedecendo à divisão tradicional em gêneros literários". Aliada a uma postura conservadora, a revista de Eduardo Portella dedica um espaço irrisório à poesia, e, ao abordá-la, não vai além do modernismo. Nem maltrapilha nem bem vestida, a poesia da década de 80 não saiu da gaveta, pelo menos no que concerne à *Tempo Brasileiro*.

---

<sup>17</sup> *Tempo Brasileiro*, n. 71, out.-dez., 1982, p. 1.

<sup>18</sup> *Tempo Brasileiro* é publicada pela Ed. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro. O recorte da década de 80 engloba 39 edições, do n. 60, jan.-mar., 1980 ao n. 99, out./dez., 1989, sob direção de Eduardo Portella.

<sup>19</sup> No período, apenas 1,54% dos textos são poemas, enquanto o restante é assim distribuído: ENSAIO, 70,26%; RESENHA, 14,36%; APRESENTAÇÃO, 11,79%; DEPOIMENTO, 0,77%; ENTREVISTA, 0,52%; INFORME, 0,51%; EDITORIAL, 0,26%.

<sup>20</sup> Adão Ventura publica "Textura afro", n. 92/93, jan.-jun., 1988, p. 7-8; Ele Semog, "Truque do tédio", p. 45-46; José Carlos Limeira, "Ébano sobre marfim", p. 83-84; e Oliveira Silveira, "Entalhe", p. 171-2.